

[Vai que] e a modalidade: uma análise baseada no uso sobre o domínio condicional

Leyla Ely¹
Maria Maura Cezario²

Resumo: Neste artigo, analisamos a relação entre os usos da construção *vai que* no português escrito brasileiro e a categoria de modalidade. *Vai que*, normalmente, é considerado um operador argumentativo introdutor de construções condicionais. Com base nisso e a partir da análise de dados do *Corpus* do Português, aba *Web*, e do *Twitter*, verificamos que *vai que* está vinculado ao domínio condicional e à modalidade epistêmica quase-asseverativa. Para realização da análise, seguimos os pressupostos teóricos e metodológicos da Gramática de Construção Baseada no Uso. Dessa forma, observamos que a construção *vai que* é usada, normalmente, como estratégia de flexibilização e como forma de projetar uma possibilidade sobre o que foi dito e, assim, aumentar o poder de argumentação. O falante, ao empregar a construção, lança mão de uma hipótese pautada na crença e expectativa do que diz. Além disso, a construção atua como estratégia de preservação de face, em que há menor comprometimento acerca da proposição por parte do falante.

Palavras-chave: Construção *vai que*; Conexão de orações; Modalidade.

Introdução

Este artigo tem como objetivo a análise do uso da construção *vai que* e sua relação com a modalidade. A modalidade é estabelecida a partir da assertividade e/ou crença que o usuário da língua tem sobre o conteúdo da proposição enunciada (PALMER, 2001; GIVÓN, 2002; CARRACOSSO, 2011). Grosso modo, *vai que* é empregado como forma de o falante demonstrar expectativa sobre algo, isto é, sua crença acerca do que diz, como nos exemplos a seguir, extraídos do *Corpus* do Português³ e do *Twitter*:

¹ Bolsista PROEX/CAPES da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul. Graduada em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: leyla.ely@outlook.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8221-5974>.

² Professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharela e licenciada em Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mmcezario@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1724-762X>.

³ Os dados foram coletados do *Corpus* do Português, aba *Web*. Esse corpus é um corpus linguístico de textos da língua portuguesa contemporânea, criado pelo Professor Mark Davies, com suporte financeiro proveniente do U.S. O corpus é de acesso on-line e gratuito. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 2 fev. 2023. Para mais informações: https://www.corpusdoportugues.org/files/corpus-do-portugues_pt.pdf. Acesso em: 2 fev. 2023.

- (1) Espero que esse processo se desenrole logo pq meu sonho é ser policial, já estou com 28 anos e **vai que** esse processo de efetivar da certo mas só para quem só tem até 30 anos, dai muitos vão se ferrar. (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, 2022).
- (2) Alguém aí passou / passa por o mesmo, tem um causo a compartilhar, um colo, um abraço?..... Em alguns dias apagarei esse post. **Vai que** um dia eu decida mostrar o blog para as pessoas "« de a vida real "», quero não que todo mundo saiba sobre esses sentimentos. É só para as amigas mais íntimas. (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, 2022).
- (3) Eu pegava o salgadinho do meu filho e comia todo o resto na frente dele, ainda falava “nao sabe dividir, então vai ser a parte que não ganha nada pq não dividiram”. **Vai que** na próxima vez ele aprende que dividir ninguém fica querendo. (TWITTER, 2022, grifos nossos).

Nas ocorrências acima, *vai que* apresenta sentido de possibilidade, abrindo um espaço para o possível: em (1), “o processo de efetivar” tanto pode como não acontecer; em (2), o fato de a pessoa decidir se mostra ou não o blog para outras pessoas; em (3), o fato de comer o salgadinho gerar o entendimento sobre compartilhar o alimento. Além disso, há uma expectativa por parte do falante em relação ao que está sendo dito: em (1), sobre o desejo do processo acontecer; em (2), sobre a hipótese de o locutor apagar o *post*; e, em (3), sobre a repreensão do filho por conta do salgadinho. Assim, as ocorrências estabelecem *link* semântico com a condicionalidade, já que apresentam hipótese passível de concretização, como postula Longhin-Thomazi (2010). Contudo, parece que *vai que* perdeu propriedades sintáticas prototípicas das orações condicionais (do tipo *Se p, então q*), tornando-se frequentemente independentes⁴.

Para a realização da investigação, seguimos os pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), que oferece contribuições importantes para que se entenda melhor a cognição humana, e nos dá respostas acerca dos usos linguísticos nos mais variados contextos discursivos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014; BYBEE, 2016; DIESSEL, 2019). A pergunta principal de pesquisa que pretendemos responder é: qual a relação entre os usos de [vai que] e a modalidade?

Nossa hipótese principal é de que *vai que* estabelece um pareamento simbólico entre forma e função, apresentando *links* semânticos e formais com outras construções do paradigma dos modalizadores epistêmicos, como *acho que* e *será que*. Além disso, entendemos que a construção *vai que* apresenta papel semântico-pragmático de crença e/ou expectativa do falante

⁴ Para aprofundamento sobre a discussão de conexões de orações e *vai que*, ver Ely e Cezario ([2023], no prelo).

acerca da proposição (ELY; CEZARIO, [2023], no prelo). Essa crença estaria ligada à modalidade quase-asseverativa, em que o falante não se compromete diretamente com o que diz, empregando *vai que*, em alguns casos, como protetor de face. Assim, a construção parece seguir a tendência translinguística de modalizadores deônticos para epistêmicos (BYBEE; FLEISCHMAN, 1995; BYBEE, 2016), como no caso de *vai ver que* e *deve/pode ser que*.

Este trabalho está organizado em cinco seções, além desta Introdução. Na seção seguinte, apresentamos o modelo teórico que dá base à análise dos dados e, então, tratamos da organização construcional. Nesse momento, dissertamos sobre os processos de mudança construcional e de construcionalização. Ainda, discorremos sobre a categoria de modalidade e abordamos, especificamente, a modalidade epistêmica quase-asseverativa. Após a revisão sobre os conceitos teóricos, apresentamos as análises de *vai que* e sua relação com a modalidade. E, por fim, tecemos algumas considerações finais.

Gramática de Construções Baseada no Uso

A GCBU entende que a língua exerce função interativa, sendo o *input* linguístico ativado por meio do contato e da experiência do falante com o mundo. A representação do conhecimento linguístico (e não-linguístico) dos indivíduos, como a organização dos conceitos e do significado, é construída por processos cognitivos⁵ de domínio geral intrínsecos aos mesmos (EVANS; GREEN, 2006; BYBEE, 2016). Neste sentido, assume-se, a partir da perspectiva baseada no uso, dois compromissos básicos acerca do conhecimento linguístico do falante: o cognitivo e o da categorização.

Segundo Evans e Green (2006), o compromisso cognitivo diz respeito aos mecanismos cognitivos envolvidos no processamento e na manipulação linguística. Ou seja, a linguagem e sua organização refletem princípios cognitivos gerais e não específicos da linguagem, como postulam os gerativistas, por exemplo. Já o compromisso da categorização refere-se à forma com a qual vemos e organizamos o mundo, seja ele linguístico ou não. Um exemplo desse tipo de organização é a classificação que fizemos acerca dos animais, por exemplo, todo animal que tem quatro patas e late é categorizado como estando no grupo prototípico de “cachorros”; ou

⁵ Além dos que explicamos nesta seção, há outros processos cognitivos de domínio geral que governam o conhecimento linguístico; estes são ativados no processamento e na produção efetiva da língua (cf. BYBEE, 2016).

quando agrupamos os mais variados lexemas terminados em *r* na categoria de verbos. Nesse caso, somos capazes, por exemplo, de criar, por analogia, novos verbos, como “sextar”, que passou de substantivo a verbo, sendo motivado por outros usos da mesma categoria, como “falar”, “beijar”, “festar” etc.

Ainda quanto ao compromisso cognitivo, Diessel (2019) trata da cognição social e da memória, no sentido de serem mecanismos envolvidos no processamento e no emprego da estrutura linguística. A cognição social é importante para que compartilhem com o outro o mesmo conhecimento sobre o mundo, isto é, é necessário que haja mesmo foco de atenção, em que falante e ouvinte precisam dividir a mesma experiência, seja sobre um evento ou sobre um objeto. Já a memória diz respeito a como armazenamos, recuperamos e processamos as informações linguísticas. Dessa forma, a relação entre língua, uso e cognição é retroalimentada.

Neste viés, entende-se a língua enquanto sistema estruturado e organizado para a expressão do significado e para a realização de funções simbólicas e interativas. Evans e Green (2006) argumentam que uma das formas cruciais de expressar linguagem é usando símbolos. Os símbolos, neste caso, consistem em formas que podem ser: falada, escrita ou sinalizada, sendo os significados socialmente convencionalizados. Neste aspecto, tais conjuntos simbólicos são entendidos enquanto emparelhamento parcialmente convencional de forma-significado (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014), o que implica os falantes reconhecerem e estarem de acordo com o(s) sentido(s) dado(s) para cada construção linguística.

Croft (2001) ilustra essa ideia na representação da Figura 1.

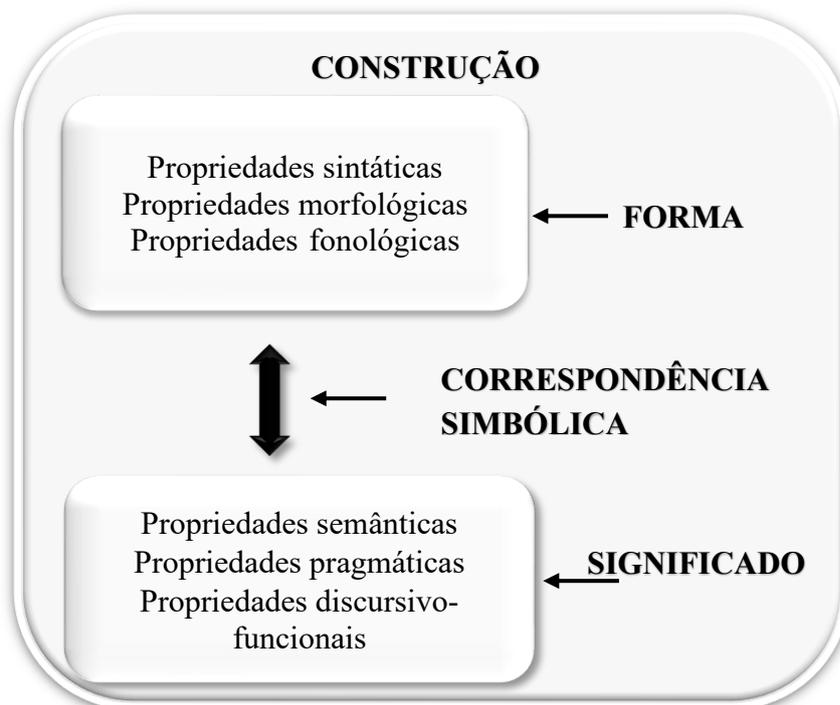


Fig. 1 Construção. Fonte: Adaptado de Croft (2001, p. 18).

O pareamento forma-significado ocorre por meio da percepção e conceptualização que os falantes têm de determinada construção linguística (EVANS; GREEN, 2006). Uma construção do tipo (4) “Se beber não dirija” é constituída pela forma “[Se]_{CONNECT} [(S) V_{INF}]_{HIP} [NEG V_{IMP}]_{PRINC.}”, que pode servir de “abertura” para outras construções, como (5) “Se comer não fale”, e pelo significado condicional, que é convencionalizado pelos falantes do PB.

O sistema linguístico é, portanto, organizado, e pode ser representado em forma de rede, como defendem Traugott e Trousdale (2013). Segundo os autores, o conhecimento linguístico estabelece conexões, em que redes de construções são interligadas, sendo elas susceptível a mudanças. Sobre isso, discorreremos na seção seguinte.

Organização construcional

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as construções são ligadas entre si a partir de *links* de semelhanças, que podem ser visualizadas numa rede esquemática, a qual reflete a natureza taxonômica, como pode ser visto na Figura 2, abaixo.

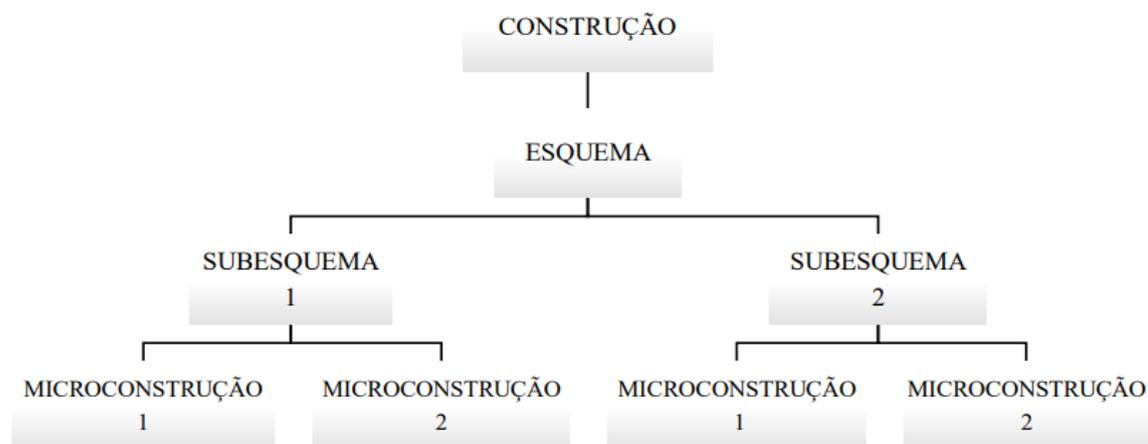


Fig. 2 Construção. Fonte: Traduzida e adaptada de Traugott e Trousdale (2013, p. 17).

Nesta perspectiva, construções são distribuídas e/ou organizadas cognitivamente em diferentes níveis. No topo da hierarquia, há a construção mais geral e abstrata, e nos níveis inferiores, vêm-se as construções mais específicas e menos abstratas, ou seja, mais preenchidas lexical e fonologicamente. As ramificações advindas de um esquema geral são produzidas pelas diferenças de sentido e/ou por propriedades formais de uma construção.

Pensando na rede construcional de conectores [X que], por exemplo, diferentes lexemas podem preencher a representação da construção mais abstrata, neste caso, equivalente à [X que] CONECT, como *supondo que*, *vai que*, *desde que* – ligados ao domínio condicional – ou *mesmo que*, *ainda que* – ao domínio da concessão – ou *já que*, *uma vez que* – ao domínio causal etc. Construções semelhantes podem variar em termos de estrutura sintática ou de significado – como no caso do conector *desde que*, que pode variar em termos de função, tendo sentido temporal e/ou condicional; ou no caso de *mesmo que* e *ainda que*, que variam em termos de forma, mas, encontram-se no mesmo domínio semântico. Numa perspectiva sincrônica, as construções estão conectadas por links semânticos e/ou formais; na perspectiva diacrônica, há sempre mudanças construcionais ocorrendo e a há a emergência de novas construções derivadas de outras. Cada nova construção provoca uma reestruturação da rede linguística, já que há mudanças categoriais, como, por exemplo, é o caso da emergência do conector *mesmo que*: essa construção deriva do pronome *mesmo*, que se junta, pelo processo de *chunking*, ao item *que* e sofre mudanças semânticas, passando, por volta do século XVII, para o nó dos conectivos no português (SANTOS SILVA; CEZARIO, 2019). Assim, *mesmo que* entrou para um paradigma que já apresentava construções concessivas como *ainda que* e *embora*.

Cada construção de uma língua pode sofrer mudanças construcionais na forma ou na função sem haver, nesse caso, reestruturação da rede linguística. Contudo, segundo Traugott e Trousdale (2013), quando há mudanças na forma e no sentido, há um novo pareamento, ou seja, uma nova construção, processo denominado construcionalização. Mais recentemente, os autores reforçaram que a construcionalização ocorre na mudança do *link* simbólico entre forma e função. Dessa forma, a abordagem da GCBU procura dar conta da emergência contínua da gramática.

Segundo Santos e Cezario (2017) e Santos Silva e Cezario (2019), a expansão da construção conectora [X que] se intensifica a partir do século XVI (português moderno), e sua produtividade é atualmente ampla. Os diferentes lexemas que preenchem o X da construção são em geral advérbios (*sempre* em *sempre que*, *já* em *já que*, *ainda* em *ainda que* etc.), mas também podem ser verbos no gerúndio (*supondo* em *supondo que*) ou no particípio (*dado* em *dado que*) ou preposição (*desde* em *desde que*). Os usos tornam a construção [X que] altamente produtiva e esquemática.

No caso de *vai que*, a provável origem da construção (informação verbal⁶) vem de um contexto em que havia o verbo *ir* no imperativo seguido por uma oração explicativa iniciada por *que*, havendo mudança na forma (reanálise em que de duas orações há a formação do *chunk vai que*) e na função (passando de verbo de ação mais oração explicativa para conector com diferentes papéis pragmáticos, como veremos nas próximas seções). Nosso pressuposto é que a construção *vai que* que inicia orações é uma construcionalização provinda de duas orações coordenadas.

A construcionalização, por sua vez, pode ser seguida por mudanças construcionais, desencadeando a extensão de novas microconstruções – processo que configuraria a pós-construcionalização. Conforme Lacerda (2018), a pós-construcionalização, neste caso, envolveria, tipicamente, a expansão de colocações, reorganizando-se em subesquemas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assim, *vai que* parece ser um caso que vai além dos conectivos prototípicos (MARTELOTTA, 1994), que vem expandindo o sentido da construção, como veremos na seção de análise, mais adiante.

⁶ Trabalho apresentado por Maria Maura Cezario e Karen Alonso no 25º Seminário do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, em Niterói, em 2022.

Assim, a abordagem construcionista entende que a língua é um sistema adaptativo complexo com alterações ocorrendo o tempo todo, com elementos em competição dentro de sua mesma categoria e com *links* semânticos e formais com construções de outras categorias.

Modalidade

Segundo Givón (2002), a modalidade envolve atitudes do falante sobre a informação enunciada. Carrascossi (2011) acrescenta que a modalidade abarca tanto o falante quanto o ouvinte, já que é estabelecida pela intenção comunicativa e pelo conhecimento compartilhado entre ambos. Neste sentido, a modalidade pode ser orientada ao falante, quando a atitude ou opinião do falante refere-se “ao conteúdo proposicional do enunciado por ele proferido” (SOUZA, 2015, p. 33); ou pode ser orientada ao ouvinte, quando busca regular a interação comunicativa, “sinalizando o trabalho de defesa e de proteção de faces. Nesse caso, o caráter intersubjetivo da modalidade está encarecido” (SOUZA, 2015, p. 35). Logo, pode-se dizer que a função da modalidade é organizar e regular a interação comunicativa entre falante e ouvinte.

Para Givón (2002), a modalidade pode ser dividida em duas atitudes: a deôntica e a epistêmica. A modalidade deôntica é marcada pelo desejo, pela obrigação, intenção, manipulação ou pela preferência do falante. Já a modalidade epistêmica estaria situada no eixo do conhecimento e refere-se ao (des)comprometimento do enunciador em relação a determinado conteúdo (LYONS, 1977; PALMER, 2001; GIVÓN, 2002 etc.). Para exemplificar dispositivos gramaticais que codificam ambos os tipos de modalidade, Givón (2002) cita os verbos “dever” e “precisar”, que podem expressar um valor deôntico de obrigação/imposição: (6) “Você deve/precisa fazer isso imediatamente”; bem como o epistêmico de probabilidade: (7) “Ela deve estar lá agora”, no sentido de que “talvez ela esteja lá agora”. O significado do verbo, portanto, é dependente do contexto em que é dito.

De acordo com Sweetser (1990), os conceitos epistêmicos (do mundo mental) são extensões de conceitos deônticos. Da mesma forma, Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) mostram que significados epistêmicos de verbos modais se originaram de significados deônticos, como no caso do verbo “dever”, que atualmente pode ser usado como probabilidade e/ou projeção futura, como em: (8) “Eu devo ir ao hospital para cuidar de meu pai”, em que há uma

expectativa aproximada sobre quem irá ao hospital. Neste caso, o verbo perde propriedades deônticas de imposição, por exemplo, para se vincular à modalidade epistêmica.

Pensando no nosso fenômeno em estudo, exploramos essa asserção como hipótese ao processo de construcionalização de *vai que*, uma vez que há usos claramente com sentido deôntico, como em: (9) “Vai meu fi, [vai [que você consegue]].” (TWITTER, 2023) ou (10) “Eu me vejo muito em você nesse momento. Apresentei meu projeto essa semana e foi como se Deus falasse: [Vai [que você consegue]].” (TWITTER, 2023), em que *vai* exerce função de verbo e está no modo imperativo, desempenhando sentido de ordem e ligando-se à [que Or]_{COORD}; e com sentido epistêmico, por exemplo: (11) “mas tenta a sorte, [[vai que] você consegue mudar minha mente]” (TWITTER, 2023), ou (12) “já parou p pensar que tudo isso é culpa sua? suas ações afastaram seus amigos, não eles se afastaram de você, pensa um pouquinho antes de falar, [[vai que] você consegue manter alguém ao seu lado].” (TWITTER, 2023), sendo estes usos posteriores aos da modalidade deôntica⁷, em que passam a exercer a função sintática de conectores. Ainda, há sentidos ambíguos, que corroboram com a nossa hipótese, como em (13) “eu acredito no seu potencial, vai que você consegue.” (TWITTER, 2023), que, dependendo da interpretação ou do contexto ampliado, podem ser lidos como [Vai [que Or]] ou [Vai que OR]. Com base nisso, tratamos, neste artigo, da construção [Vai que OR] vinculada à atitude epistêmica.

Neves (2011) argumenta que há dois grandes polos da modalidade epistêmica, a que marca certeza (marcadores chamados de asseverativos) e a que marca possibilidade (conhecidos como quase-asseverativos), podendo transmitirem julgamentos como probabilidade, certeza, crença, opinião ou dúvida (LYONS, 1977; PALMER, 2001; GIVÓN, 2002 etc.). Para Lima e Nascimento (2009), a modalidade epistêmica quase-asseverativa, ao contrário da asseverativa, está atrelada ao não comprometimento do locutor com relação ao dito. Isso porque os modalizadores asseverativos são conceituados a partir da certeza envolvida pelo falante sobre o conteúdo da proposição, além de se poder avaliar e asseverar a fala do outro, como por meio do emprego de alguns advérbios, dentre eles: *exatamente*, *claramente*, *certamente*, *logicamente* e *prontamente*. Para ilustrar esse tipo de modalização, tem-se o exemplo: (14) “Com certeza haverá aula hoje” (ADELINO; NASCIMENTO, 2019, p. 292), cuja declaração evolva certeza e conhecimento assertivo por parte do falante.

⁷ Tal afirmação foi feita com base na busca de dados históricos que realizamos no *Corpus* do Português e na literatura funcionalista (sobretudo em BYBEE; FLEISCHMAN, 1995; BYBEE, 2016).

Na modalidade quase-asseverativa, por outro lado, o falante não se compromete com a certeza e/ou veracidade da proposição. A (in)certeza presente nos enunciados pode variar em grau, isto é, é possível estabelecer um *continuum* de (in)certeza a depender, por exemplo, do tempo-modo verbal, conforme Castilho e Castilho (2002). Enunciados que corroboram para a afirmação dos autores são: (15) “mas realmente a cadeia de supermercados aqui é de Recife provavelmente é superior a qualquer uma do país”, em que o modo indicativo sugere menor incerteza por parte do locutor; e em (16) “agora outro tipo de escola que talvez não tenha esse objetivo”, em que há maior grau de incerteza por conta do verbo no modo subjuntivo (CASTILHO; CASTILHO, 2002, p. 227).

Castilho e Castilho (2002) argumentam que, em uma oração (p, q) de modalidade epistêmica quase-asseverativa, avalia-se a proposição P como uma possibilidade, cuja adesão por parte do falante acerca do comprometimento a respeito do que está sendo dito é baixa. Para Nascimento e Silva (2012), tal modalidade apresenta uma crença, isto é, uma hipótese a ser confirmada e, também, “funciona como uma estratégia argumentativo-pragmática que permite ao locutor dizer algo ao interlocutor sem se comprometer pelo dito” (NASCIMENTO; SILVA, 2012, p. 82), estando próximo do domínio da “verdade”. Em outras palavras, há certa “preservação de face”, isto é, o falante não assume qualquer responsabilidade acerca do que é dito, já que não se compromete com o conteúdo da proposição, como pontuam Adelino e Nascimento (2018).

Nesse viés, Nascimento (2018) afirma que os efeitos de sentido podem envolver a noção de possibilidade ou probabilidade, não comprometimento, distanciamento e não engajamento do locutor. Alguns exemplos de modalizadores quase-asseverativos, apresentados por Castilho e Castilho (2002), são: *talvez, eu acho, suponho, provavelmente, assim, eventualmente, possivelmente*, os quais assinalam a subjetividade do falante. Um exemplo ilustrado por Nascimento e Silva (2012, p. 82) é: (17) “provavelmente não haverá aula hoje”, em que o falante acredita, mas não dá certeza, de que não haverá aula, apresentando, portanto, crença e descomprometimento com que enuncia. A seguir, argumentamos que usos de [vai que] estariam ligados a esse tipo de modalização.

Metodologia e análise de dados

Como dito na introdução deste trabalho, nosso foco de investigação são os construtos derivados de [vai que]. As ocorrências selecionadas para análise foram retiradas de um conjunto de cem dados coletados. A amostra escolhida para este artigo refere-se aos cem primeiros dados e segue a ordem da distribuição dada pelo do banco de dados do *Corpus* do Português⁸.

Realizamos uma análise qualitativa, observando os papéis semântico-pragmáticos da construção, com foco na modalidade expressa nos diversos contextos de uso. Para essa análise qualitativa dos contextos de uso, analisamos a dependência sintático-semântica entre orações, presença ou ausência de outras construções modalizadoras e modo *realis* ou *irrealis* (GIVÓN, 1990; 1995) das orações introduzidas por *vai que*.

A seguir, discutimos os papéis da construção com *vai que*, buscando verificar a sua relação as modalidades expressas.

- (18) Também comparei com o rendimento de qualquer investimento quando comecei a revender, mas é muito arriscado. Melhor comprar 1 ou 2 ingressos no máximo e revender. Senão é jogado em o lixo. **Vai que** o investimento não tem a liquidez necessária e você fica com um monte de ingressos caros boiando não é mesmo? Como em qualquer investimento, você tem que entender de aquilo em que está metendo a sua grana para não sair em o prejuízo. (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, 2022).
- (19) Nem tinha pensado em jogar o STO, mas depois que vi que o game levou o prêmio de melhor novo MMO em 2010 de o Massive Gamer Online, resolvi dar uma chance. **Vai que**, com ele, eu dou mais sorte! Veja o trailer: (puta que o pariu esses gráficos hein?) (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, 2022).
- (20) Não pare, por favor! mais um profissional que se contaminou. Por isso que fico morrendo de medo de ir a o dentista e omitir a minha condição. **Vai que** por azar aconteça algum acidente? Eu não ia me perdoar nunca!!! (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, 2022).

Como se vê, *vai que* inicia orações desgarradas⁹, funcionando como argumento para o que foi dito anteriormente. Em (18), o locutor trata sobre os riscos de certos investimentos, em que busca argumentar que a compra de 1 ou 2 ingressos é mais segura, porque é possível que

⁸ Agradecemos aos alunos de Iniciação Científica, Juan Lima de Paula e Manuela Amstalden Ambiel, pela coleta de dados do *Corpus* do Português.

⁹ Como argumenta Rodrigues (2021), orações desgarradas são orações independentes, mas que possuem vínculo semântico com a oração anterior ou quando há material linguístico no contexto precedente.

se o interlocutor fizer a compra de vários ingressos, não consiga despachá-los; em (19), o locutor comenta sobre sua inscrição no STO, e sobre a expectativa de ele se dar bem no jogo, projetando a possibilidade de “dar mais sorte”; e, em (20), o locutor está discorrendo sobre a necessidade de falar ao profissional as verdadeiras condições de saúde física do paciente, porque é possível que aconteça algum acidente, o que, provavelmente, seria prejudicial para ambos, já que o falante diz que não se perdoaria caso isso acontecesse. Nesses casos, o falante lança mão de uma hipótese/possibilidade e não se compromete com a veracidade da proposição, situando-se no domínio da modalidade epistêmica, o que corrobora com a argumentação de Adelino e Nascimento (2018) acerca da relação entre epistemicidade e a estratégia de “proteção de face”. Além disso, nos casos acima, o uso da interrogação reforça essa perspectiva de não comprometimento com o conteúdo da proposição.

Outras ocorrências com *vai que* podem ser vistas em:

- (21) Tenho uma filha que já vai completar 6 e um menino de 3 então já saí dessa vida de fraldas há algum tempo...) Mas acho bem válida essa escolha – acho que mais mulheres deveriam, pelo menos, testar o uso de fralda. Vai que pegam gosto, né?* rs Beijão. (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, 2022).
- (22) Acho que eu mesmo não sei o que quero. Será que quero que ela goste de mim? Será que quero que ela goste de mim em a mesma intensidade que gosto de ela? Será que não estou sendo injusto? Será que quero demais de ela? Será que é verdade e só eu não sei, mas em o fundo, eu só quero sexo? Incrível essa ideia de querer e não saber que se quer. Tem um nome, chamam de subconsciente. Temo porque o meu subconsciente pode querer sem me contar. Vai que eu tenho um pervertido por trás de a cortina?! Mas, será que não quero demais de ela? Mas o que eu quero, mesmo? (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, 2022).
- (23) Segundo o Wesley, parece que o aumento que os diplomatas querem custaria a o Canadá 4 milhões e o país está perdendo 8 bilhões só com o fato de estudantes estrangeiros não poderem se matricular em as universidades canadenses por causa de o visto. Não entendo muito bem o porquê de isso tudo, então prefiro não opinar... vai que eu diga alguma besteira. Enfim, o que estou tentando agora é ter o pensamento positivo e ficar confiante que em duas semanas estaremos com o nosso visto em mãos. (*CORPUS DO PORTUGUÊS*, 2022).

Interessante notar o contexto anterior às ocorrências com a construção *vai que*. Selecionamos tais dados porque nos mostram que, por vezes, a modalidade epistêmica quase-asseverativa e a preservação de face já estão presentes antes mesmo do emprego de *vai que*. Em

e se. *Vai que*, nas três ocorrências, funciona como reforço da argumentação anterior que, como dito, é pautada numa condicionalidade ou num contexto *irrealis*.

Nos casos acima, vemos que a adesão quanto ao comprometimento por parte do falante sobre o que está sendo dito não é tão baixa, como argumentam Castilho e Castilho (2002), uma vez que parece envolver expectativa positiva do locutor, empregando *vai que* como reforço da argumentação. Contudo, corroboramos com a hipótese de que essa expectativa (+ positiva ou + negativa) esteja relacionada ao modo do verbo da oração, isto é, quando mais positiva mais é empregado o indicativo; e quando apresenta maior grau de incerteza por parte do falante, ou seja, quanto mais distante da verdade da proposição, mais se faz uso do subjuntivo.

Neste artigo, analisamos a rede que compete à construção [vai que]. Em tais casos, *vai que* é usado, normalmente, como estratégia de flexibilização e como forma de projetar uma possibilidade sobre o que foi dito e, assim, aumentar o poder de argumentação. A seguir, tecemos algumas considerações finais.

Considerações finais

Este artigo buscou discutir a relação entre [vai que] e a categoria da modalidade. Numa perspectiva da GCBU, vimos que o conhecimento linguístico é dependente de fatores cognitivos de domínio geral e pode ser organizado em forma de rede. A proposta consistiu na análise de dado de [*vai que* OR]_{EPISTEMIC}, muito provavelmente advindo de contexto com [*vai que* OR]_{DEONTIC}. A análise futura de outras sincronias do português poderá confirmar se os usos atuais de *vai que* são consequentes da tendência translinguística, apontada há muitos anos pelos funcionalistas, de construções epistêmicas provirem de construções deônticas.

Tendo em vista os dados aqui apresentados, podemos afirmar que, na sincronia atual do português do Brasil, a oração com *vai que* apresenta uma possibilidade, estando ligada à modalidade epistêmica quase-asseverativa. O falante ao empregar [*vai que* OR]_{EPISTEMIC} lança mão de uma hipótese pautada na crença e expectativa do que diz. Ainda, *vai que* atua como estratégia de preservação de face, em que há menor comprometimento acerca da proposição por parte do falante. Um dos fatores que influencia o maior ou menor grau de incerteza no uso de *vai que* parece ser a escolha pelo emprego do subjuntivo, que estaria mais distante da verdade da proposição e, assim, apresentaria maior grau de incerteza por parte do falante.

Assim, nossas análises demonstraram que *vai que*, em [*vai que* OR], é usado preferencialmente em contextos argumentativos em que o escritor pretende que o interlocutor reflita sobre o(s) argumento(s) apresentados e concorde com a tese elaborada. Conforme Hoffnagel (1997), essa é uma das estratégias de modalização, a qual este artigo buscou elucidar.

Referências

- ADELINO, F. J da S.; NASCIMENTO, E. O. do. A modalização epistêmica asseverativa na construção argumentativa de entrevistas de seleção de emprego. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 287-302, 2019.
- ADELINO, F. J. da. S.; NASCIMENTO, E. P. do. O funcionamento semântico-argumentativo da modalização epistêmica quase-asseverativa. *Revista do GELNE*, Natal, v. 20, p. 98-110, 2018.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam: Benjamins, 1995.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The Evolution of Grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CARRASCOSSI, C. *Gramaticalização e (inter)subjetivização na modalização em português: um estudo de pode ser*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2011.
- CASTILHO, A. T. de.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios de Modalizadores. In: CASTILHO, A. T. de. *Gramática do Português Falado*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 207-207. v. II.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIESSEL, H. *The Grammar Network: how language structure is shaped by language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- ELY, L.; CEZARIO, M. M. [Vai que] e a condicionalidade: uma análise baseada no uso. *Entre Palavras*, [2023]. No prelo.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2006.

- GIVÓN, T. *Bio-linguistics: The Santa Barbara Lectures*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1990. v. 1-2.
- HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. London: Paperback, 2014.
- HOFFNAGEL, J. C. A modalização epistêmica no processamento textual da fala. In: KOCH, I. G. V.; BARROS, K. S. M. (org.). *Tópicos em linguística do texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997. p. 147-156.
- LACERDA, P. F. A da C. As principais contribuições da abordagem construcional da mudança no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso – evidências a partir de um estudo de caso. In: TENUTA, A. M.; COELHO, S. M. (org.). *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. 1. ed. Belo Horizonte: FALE: UFMG, 2018. p. 181-200.
- LIMA, G. de B.; NASCIMENTO, E. P. do. *A argumentatividade no gênero resumo acadêmico: operadores argumentativos e modalizadores discursivos (Relatório de Pesquisa PIVIC)*. Mamanguape: Universidade Federal da Paraíba, 2009.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. ‘Vai que eu engravidado de novo?’: gramaticalização, condicionalidade e subjetividade. *Lusorama*, São Paulo, v. 81-82, p. 135-150, 2010.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- NASCIMENTO, E. P. do. A modalização discursiva como índice de argumentatividade nos gêneros acadêmicos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 3357-3372, 2018.
- NASCIMENTO, E. P. do.; SILVA, J. M. da. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: NASCIMENTO, E. P. do (org.). *Argumentação na Redação Comercial e Oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 63-100.
- NEVES, M. H. de M. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2011.
- PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge Textbooks in Linguistics. New York: Cambridge University Press, 2001.
- RODRIGUES, V. V. *Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento ou insubordinação?* São Paulo: Blucher, 2021.

SANTOS SILVA, T.; CEZARIO, M. M. Construcionalização e competição de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [Xque] em português. *Revista Odisséia*, [s. l.], v. 4, n. especial, p. 132-153, 2019.

SANTOS, M.; CEZARIO, M. M. Estudo cognitivo-funcional da formação da construção [XQUE]CONNECT no Português. *Gallæcia. Estudos de lingüística portuguesa e galega*, Santiago de Compostela, v. 1, p. 959-974, 2017.

SOUZA, C. N. O desenvolvimento da expressão modalizadora “pode ser”. um caso de (inter)subjetivização no português. *Alfa, Rev. Linguíst*, São José Rio Preto, v. 59, n. 1, p. 29-57, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1502-2>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TWITTER. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/clariromania/status/1612552672812630017>. Acesso em: 9 fev. 2023.

TWITTER. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/wendelmeuamigo/status/1583612919631138816>. Acesso em: 9 fev. 2023.

TWITTER. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/yeacredite/status/1602250787228454912>. Acesso em: 9 fev. 2023.

[Vai que] and the modality: a usage-based analysis of the conditional domain

Abstract: In this paper, we analyze the relationship between the uses of the construction *vai que* (similar to “what if”) in written Brazilian Portuguese and the category of modality. *Vai que* is normally considered an argumentative operator that introduces conditional constructions. Based on the analysis of data from the *Corpus do Português* and from *Twitter*, we verified that *vai que* is linked to the conditional domain and to the almost-asseverative modalization. To carry out the analysis, we followed the theoretical and methodological assumptions of the Usage-Based Construction Grammar. In this way, we verified that the construction *vai que* is frequently used as a flexibility strategy and as a way of projecting a possibility on what was informed and, thus, increasing the power of argumentation. The speaker, when he or she uses the construction, creates a hypothesis based on the belief and expectation of what he or she says. In addition, the construction works as face-preserving strategy, in which there is less commitment to the proposition.

Keywords: The construction *vai que*; Clause combination; Modality.

Recebido em: 14 de fevereiro de 2023.

Aceito em: 30 de março de 2023.